ANO 7.º — Sexta-feira, 11 de Dezembro de 1914 — NUMERO 348

O DEMOCRATA

(AVENCA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte 2$50
Avulso $02
REDACÇAO E ADMINISTRAÇAO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

A crise

—=(*)=—

Demissionario o govêrno do sr. Bernardino Machado após a abertura do Parlamento, o sr. Presidente da Republica tem, desde esse dia, em que lhe foi apresentada a demissão colectiva do ministério, empregado todos os esforços, feito todas as deligencias, para resolver a crise sem que até á hora que escrevemos uma solução tenha sido possivel atenta a irredutibilidade dos partidos em se juntarem para a formação dum govêrno nacional, unico que neste momento convem ao país e sería bem recebido por todos os patriotas. Quer dizer: surgem novamente dentre os homens que mais responsabilidades teem ligadas á vida da nação e ao prestigio da Republica aqueles motivos que os traz afastados uns dos outros e que nem numa hora gràve como a que atravessâmos, os deixa refletir e vêr o perigo que um tal estado de coisas acarreta.

Isto vai mal. Não é a primeira vez que o dizemos e dolorosamente repetimos. Hão de convencer-se os partidos que tudo tem a sua oportunidade, a sua época, e que nem todos os momentos são azados para operar no campo politico, mórmente quando se tratem questões de alto interesse internacional ou outras que de alguma fórma afectem o bem estar e a vida da nação.

Temos acompanhado de perto e com especial cuidado todas as *démarches* realisadas para a constituição do novo gabinete. Reuniões e mais reuniões, conferencias e mais conferencias, idas ao paço e não se passa disto. Ha oito dias que não se passa disto. Contudo impunha-se que o ministério que caíu fosse rapidamente substituido e que evolucionistas, unionistas e democraticos se déssem as mãos para, numa acção comum, acentuadamente republicana e eminentemente patriotica, tomarem conta dos destinos da Patria, defendendo-a dos seus inimigos internos e externos e—o que é mais—dos ataques que contra ela se estão preparando, não vá o povo português amaldiçoar o regimen em que tantas esperanças depositava.

Mas, pelo visto, não teremos govêrno. Nenhum govêrno, por mais que se canse o sr. Presidente da Republica. Todos são patriotas, todos se esfalfam a falar no seu patriotismo e todavía é o que se vê—não se passa disso.

Confrange-nos o coração, o nosso coração de republicanos, tudo quanto está acontecendo no seio da politica portuguêsa. E' que nunca julgámos assistir a tão triste espectaculo, como aquele que os *grandes patriotas* estão dando sem ao menos olharem ás responsabilidades que sobre si impendem, prolungando indefinidamente uma crise que devia ficar solucionada logo aos primeiros pronuncios da sua abertura.

Mas sua alma, sua palma.

Aos nossos presados assinantes dos concelhos de **Estarreja, Ovar** e **Anadia** para quem agora foram enviados os recibos á cobrança, pedimos a fineza de os satisfazerem assim que para isso recebam aviso do correio, o que sincéramente lhes agradecemos.

Films . . .

Interesses do povo

Lê-se nos jornaes de Vila Real:

«Reuniu a Junta Geral do Distrito, convocada para o fim de votar um adicional sobre as contribuições gerais do Estado. A comissão executiva defendeu a sua proposta, demonstrando que não poderia viver-se sem rendimentos e que estes não existiam nem ao menos para pagar o expediente da secretaría, quanto mais para pagamento aos empregados! Acrescentou ainda o sr. Presidente da mesma comissão, que atualmente a junta não dispõe de recursos alguns, pois o govêrno apenas lhe tem dado o subsidio para a sustentação dos internados do Asilo-Escola, para os ordenados aos respectivos empregados e pagamento á policia.

Na discussão entrou o procurador sr. dr. Antonio Sampaio que faz algumas considerações sobre a gràve crise que atravessamos e lembra a necessidade que o govêrno terá de nos pedir mais um sacrificio, sacrificio a que não poderemos faltar, porque se trata de luta pelo salvamento da patria.

E' certo que acha tambem uma necessidade o lançamento dum adicional sobre as contribuições do Estado para dar vida á Junta Geral, mas não encontra a ocasião presente oportuna, pedindo se adie até que o horisonte esteja mais desanuviado e sobre o contribuinte não pese a necessidade de sofrer uma contribuição de guerra.

Estas palavras calaram no animo de todos os procuradores, não sendo por isso lançado adicional algum.

Pelo procurador do concelho da Regua foi então proposto que continuasse a Junta a viver a sua vida dificil, recebendo o favor dos atuais empregados que não recebem ordenados, garantindo-se-lhes por este facto motivos de preferencia para futuras nomeações.

Esta proposta foi votada por unanimidade.»

Não comentâmos. Aquêles que teem acompanhado de perto as considerações aqui feitas sobre o modo como estão sendo administrados os fundos da Junta Distrital de Aveiro, que o faça comparando o proceder désta com a sua congenere de Vila Real.

Acentuaremos, porém, uma coisa: é que não estâmos sós.

Corrido

O conspirador José de Azevedo, que em vez dir para o estrangeiro fazer companhia ao colégа Moreira de Almeida, conseguiu que o govêrno *cordeal* do sr. Bernardino Machádo o mandasse antes desterrado para Coimbra durante um ano, têve de fazer as malas e pôr-se ao fresco, dizem que para uma quinta que possue no norte, visto a atitude dos republicanos não ser de molde a garantir impunemente a sua estada naquéla cidade.

Nem que Coimbra fosse algum coito...

Responsabilidades

Em Mafra começaram os julgamentos dos implicados na ultima intentona monarquica, vendo-se, pelas sentenças proferidas já, que a condenação dos réus não corresponde ao crime por eles praticado.

Nem admira. Se ha republicanos que são os primeiros a abandalhar isto...

Sobre a crise

Transcrevemos:

«O partido evolucionista resolveu não entrar em qualquer ministério de concentração, mas atendendo á situação do país aceitará o Poder se o chefe do Estado o julgar necessario.»

Como argumento para a subida desse partido ás ambicionadas cadeiras governativas podia ainda o sr. Antonio José de Almeida aproveitar este, que temos visto reproduzido por alguns dos seus correligionarios de fresca data: *ter o evolucionismo direito a ir ao Poder porque... ainda não governou!* E' de peso...

DESPRONUNCIA

—=(*)=—

Por acordam do Tribunal da Relação do Porto, para onde haviam apelado, acabam de ser despronunciados os srs. Acacio Vieira da Rosa e José Celestino Pereira Gomes, ambos empregados na repartição do govêrno civil deste distrito e envolvidos no célebre processo dos passaportes juntamente com outros a quem foi confirmado o despacho de pronuncia.

A proposito: não nos dirão porque motivo ainda não foram chamados ao serviço os dois porteiros que dele teem estado afastados, quando um terceiro, com eguais responsabilidades, ali se encontra e dizem até que já recebeu os ordenados em atrazo?

Em que se fundará o govêrno para beneficiar uns e prejudicar outros? Gostavamos que alguem nos respondesse. Tanto mais que o Codigo Administrativo em vigor no seu artigo 376, § unico lá diz com toda a claréza—*Os magistrados ou funcionarios administrativos pronunciados por despacho passado em julgado, ficam por esse facto suspensos do exercicio das suas funções.*

Ergo, das duas uma: ou todos devem estar suspensos, ou todos devem fazer serviço. Não ha meios termos. O contrario disto é violar a lei, èsfrangalha-la, e não foi para que assim acontecesse, cértamente, que nós e tantos outros trabalhâmos pelo advento da Republica.

Faça-se, portanto, justiça a todos, visto que a todos, tendo eguaes responsabilidades, assiste o mesmo direito.

Escola Elementar do Comercio

Principiam na segunda-feira as aulas neste novo estabelecimento de ensino, recentemente creado, que funcionará junto á Escola Industrial Fernando Caldeira.

Ficaram sendo professores os srs. dr. Eduardo Silva, dr. João Gomes, dr. Luiz de Brito Guimarães e Joaquim Soares.

Com acêrto

—=====—

Estávamos já meio resolvidos a voltar ao nosso posto na comissão executiva da Junta Geral, quando na segunda-feira recebemos a seguinte comunicação:

... *Sr. Redactor do jornal* O Democrata

Aveiro

Peço o favor de publicar no seu conceituado jornal o seguinte:

A Comissão Executiva da Junta Geral do distrito de Aveiro resolveu, por unanimidade, reclamar a convocação extraordinaria da Junta, afim de que o procurador Arnaldo Ribeiro transforme em acusações concretas e as prove, as suspeições em que na imprensa tem envolvido a mesma Comissão.

Agradecendo a fineza da publicação, sou

De V. etc.

Aveiro, 7 de dezembro de 1914

O Presidente da Comissão Executiva
Antonio Maria Marques da Costa

Andou acertadamente a Comissão Executiva da Junta Distrital convidando-nos a explicações numa sessão plenária extraordinaria, á qual compareceremos com todo o gosto visto tratar-se dum assunto que interessa a todos, mas muito especialmente ao contribuinte que geme sob o pêso de constantes impostos e a quem temos estado a defender de futuros encargos, insurgindo-nos contra a aplicação do seu dinheiro em beneficio de amigos e apaniguados, que não vêem a situação que atravessâmos para só atenderem ao seu bem estar e comodidades consoante foi sempre a sua norma de proceder. Quer explicações a Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito! Pois com muito gosto, repetimos, lhas iremos dar. Claras, positivas, categoricas. No dia que fôr determinado e com a convicção de que ao publico prestaremos até um bom serviço.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Agradecimento

Maria José de Azevedo Ferreira Pinto Basto, Clotilde Pinto Basto Couceiro da Costa, (ausente), Clementina Pinto Basto de Gusmão Calheiros, Egas Ferreira Pinto Basto, Francisco Manuel Couceiro da Costa, (ausente), Antonio de Melo Pinto de Gusmão Calheiros, na impossibilidade de a todos agradecer pessoalmente, fazem-no por este meio, muito reconhecidos, a todos que, durante a doença de que foi vitima seu marido, Pae e Sogro, se interessaram pelo seu estado.

Egualmente agradecem todas as atenções que receberam depois da sua morte.

Aveiro, 9 de Dezembro de 1914.

PETIÇÃO JUSTA

A mudança duma escola reclamada pelos habitantes de S. Bernardo

A uma das ultimas sessões do Senado Municipal foi presente por uma comissão composta de bastantes individuos do visinho logar de S. Bernardo, a seguinte representação:

Ex.[mos] *Senhores:*

Os povos interessados na mudança da casa da escola de S. Bernardo para o centro da povoação, mudança que tem apenas em vista a comodidade das creanças que ha anos se sugeitam a todos os rigores do tempo, sempre prejudiciaes á saude e á vida, mórmente no inverno, veem oferecer para isso á Ex.[ma] *Câmara, gratuitamente, e durante seis anos, a nova casa.*

Esta nova casa possue todos os requisitos indispensaveis ao bom funcionamento da escola, incluindo alojamento para o professor e um vasto telheiro para abrigo das creanças nas horas de recreio.

A casa atual da escola está condenada pelas suas deficiencias. Fica a 999 metros do centro do logar e as creanças teem de fazer, sob os ardores do sol do verão ou sob as inclemencias dos frios e chuvas do inverno, um trajecto desta naturesa! A nova, acabada de construir especialmente para este fim, fica mesmo no centro do logar, a dois passos de distancia de cada fogo.

São conhecidas de V. Ex.[a] *e de toda a gente as vantagens desta. Mas o proprietario daquela a todo o transe pretende conservar a escola ali porque não tem quem lha arrende para outro efeito. Para ele é uma questão de interesse monetario e uma questão politica. Para nós apenas um beneficio que reclamamos em prol dos nossos filhos, da sua saude e da sua vida, que sobreleva todas as outras razões e a esta circunstancia tem a Ex.*[ma] *Câmara necessidade de atender sobre todas, a não ser que sobre si queira fazer pesar a responsabilidade directa e fatal da morte de dezenas de creanças. Não está isso, por cérto, nos seus generosos sentimentos de humanidade e é confiados neles que a V. Ex.*[as] *expomos ligeiramente estas considerações.*

A mudança que o povo de S. Bernardo, sem descrepancia dum só homem ou duma só vontade, aqui manifesta, sería razão suficiente, se outras não houvésse, para que V. Ex.[as] *tomem, sem mais delongas, uma resolução.*

Saude e Fraternidade.

S. Bernardo, 30 de novembro de 1914.

(*aa*) José Simões Maio Rafago, João Ferreira da Cruz Junior, João Francisco do Casal, Manuel Marques, Antonio Simões Maio, Silverio Rodrigues Branco, Joaquim Diniz, Manuel Simões Maio Refugo, José Simões Maio, Joaquim Gonçalves Maio, Manuel Rodrigues Vieira, Manuel Nunes de Azevedo, Manuel Simões Maio, Manuel Diniz, José Maria de Matos, Bernardo Pedro, João Simões Maio, José Rodrigues Vieira, Antonio Francisco do Casal, Manuel Simões Maio, João Vieira dos Santos, Manuel Fernandes Duarte, Antonio Ferreira da Cruz, José Duarte Junior, Antonio Nunes Azevedo, João Fernandes Duarte, Joaquim da Cruz Neto, Luiz Ferreira da Silva, Joaquim dos Santos, João Gonçalves Anlias Junior, Antonio Francisco do Casal, João Francisco do Casal, Manuel Francisco do Casal, Manuel da Silva Marcelino Novo, Domingos da Maia Gafanhão, Julio do Casal, Jaime da Silva Matos, João Lopes, Emidio Pereira, Manuel Ferreira da Cruz Novo, João Ferreira da Cruz, João Neto, Antonio Neto, Manuel Santo Tirso, João Casal, Antonio Diniz, Manuel da Rocha, Manuel da Silva Marcelino Junior, Angelo Ferreira da Cruz, Manuel Rodrigues Vieira, Pompeu Nunes Duarte, Clemente Pedro, Casimiro Ascenço, Antonio Gonçalves Couteiro, José Valente da Silva, Antonio Gonçalves, Manuel Simões, Bernardo Nunes Casal, Antonio da Silva Marcelino, Custodie dos Santos da Benta, José Fernandes Duarte, José Pedro Junior, Manuel de Almeida. Manuel Ferreira da Cruz Cavalheiro, Manuel Rodrigues Branco, João da Cruz Garrido, Francisco da Cruz Garrido, João Nunes Maia, Antonio Simões Maia, José Nunes Maia, Joaquim Ferreira da Silva, Manuel Ferrão Novo, José Simões Maio, Manuel Simões Ajudante, José da Silva Pereira, Antonio Ferreira da Cruz, Candido Pereira de Melo, Jacinto Maria Valente, Manuel Viegas, Antonio Maria Valente e Manuel Vieira Caniço.

Teem toda a razão, toda, os habitantes de S. Bernardo a quem o Senado já fez inteira justiça, na sua sessão de sexta-feira, votando por maioria—faltou o voto do sr. presidente para a unanimidade—a transferencia da escola, como deseja o povo que essa reclamação fez. Mas—ha sempre um *mas* a entravar o caminho do que logo devia ter rapida solução—uma outra entidade aparece que, segundo dizem, não se conforma com a mudança da escola de S. Bernardo—é o sr. inspector escolar. Que alegará S. Ex.ª para assim proceder? Não o sabemos, pelo menos até ao momento de traçarmos estas linhas. E no entretanto a mudança impõe-se. Porque, tendo terminado as razões que trouxéram para o extremo do logar a escola, tendo caducado o motivo que levou os habitantes de S. Bernardo a sacrificarem-se em beneficio dos seus visinhos de Vilar, deslocando-a para que eles dela aproveitassem visto não terem aula aonde educar os filhos, é do todo o ponto justo que nem mais um instante se obriguem as creanças á longa caminhada a que teem estado sugeitas e se volte a dar ao povo de S. Bernardo aquela comodidade que usofruia antes de ter praticado a generosa acção que tanto o nobilita.

A antiga casa da escola, como dizem os peticionarios, tem todos os requisitos de preferencia que a moderna pedagogia exige E' central e de facil acésso. Tem ar, tem luz e espaço suficientes para acomodar o numero de creanças matriculadas. Além disso possue as sentinas isoladas, tem um alpendre coberto para recreio dos alunos e ainda dependencias proprias para habitação do professor, que é um dos motivos tambem de preferencia de que nos fala a legislação em vigor.

A que virão, pois, os obstaculos do sr. inspector escolar? Em que se fundará o sr. Domingos Cerqueira para crear embaraços á mudança reclamada e que justo é seja atendida pelas instancias superiores? E' o que havemos de indagar. Mal vai á instrucção, mal vai ao ensino se os caprichos duns e as más vontades e os interesses de outros continuam a pôr dificuldades em tudo quanto se torna aceitavel, conveniente, imprescindivel.

A câmara cumpriu o seu dever, antes mesmo do sr. inspector escolar a fazer ciente da sua opinião. Nós cumpriremos o nosso advogando a causa do povo de S. Bernardo perante o sr. ministro da Instrucção com o calor que provém da verdade que costumâmos pôr nas nossas palavras sempre que alguem reclama justiça e é de direito que se lhe faça.

O tempo

Prestes a entrarmos definitivamente no inverno não admira que os lindos dias do outono tenham acabado, surgindo o frio, o vento e a chuva. O ponto foi principiar. Pois que faça o seu curso sem prejuizos de maior, obedecendo ás leis da naturêsa, já que tudo é preciso, que não será devido nós que estas mudanças atmosféricas hão-de terminar.

Pódem ficar cértos disso...

O homem da morte

—=(*)=—

E' de Camille Pelletan o seguinte artigo:

«Quanto mais os acontecimentos se desenvolvem, mais me parece precisar-se a fisionomia que o kaiser deixará na historia.

Era conhecida a sua pretenção de saber de tudo e a sua fórma de linguagem. Agora vê-se a sua verdadeira e sinistra figura. Implacavel fatalidade pesa sobre êle.

Disse-se que ele tinha máu olhado; parece que um esmagador destino de destruição, de massacre, de derrocada, está ligado á sua figura imperial.

Começou pela Turquia, que esmagou pela sua amizade e pela sua protecção. Apoderou-se do seu govêrno, formou os seus oficiaes, organisou e dirigiu os seus exercitos. Logo depois a Turquia ficou perdida.

Esse poder militar formidavel que nos seculos dezasseis e dezasete faziam tremer a Europa, esse imperio que sobrevivia a todas as hostilidades e a todas as ameaças; éssa potencia, resto de um tão grande passado, duas ou tres vezes salva dos mais terriveis ataques em Sebastopol, em Berlim, desapareceu rapidamente com espanto do mundo. A dominação otomana foi repelida na Asia, recuando quatro seculos, tendo-lhe deixado apenas um farrapo do seu dominio europeu.

Era ainda de mais!

A mortal amizade do *kaiser* caía implacavel sobre os ultimos restos do imperio turco. Retomava-os para os destruir.

Hoje, pela Armenia, pelo Bassorah, o que subsiste, cai em farrapos e póde prever-se o momento em que o nome de Turquia desaparecerá da carta do globo.

* * *

A politica de Bismarck legou á Alemanha, uma outra amiga, a Austria. Onde está éla hoje? Infeliz Austria, ferida por incessantes golpes temiveis, na Lombardia, na Bohemia, expulsa da Italia, expulsa da Alemanha. E agora, ele, acaba-a.

Nenhum equilibrio mais instavel do que o desse imperio incoerente, matizado de raças inimigas, não formando patria para nenhuma.

Vivia da amizade da Europa assustada pelo pensamento das perturbações que poderiam acarretar a liquidação déssa reunião politica discordante e artificial e ele, lança-a em colossais aventuras de guerra, forçosamente mortais para éla!

Diz-se que a Austria jà pediu misericordia, mas muito tarde; a fatalidade peza sobre ela e não a abandonará.

Terá que ir até ao fim das suas desgraças. A imensa onda russa submerge-a; todas as raças que ela oprimia, tremem, revoltando se e, quando chegar a Paz, o imperio austriaco terá deixado de existir!

O que Napoleão não fez depois de tantas vitorias brilhantes, fê-lo a Alemanha.

O *máu olhado* do *kaiser* terá sido mais temivel e mais destruidor, que a espada do maior homem de guerra da historia.

Guilherme II têve o odioso capricho de violar a neutralidade belga e entrar em França pelo país walão; no primeiro momento, o seu exercito penetrou no territorio francês até Creil.

Quantas invasões entraram em países inimigos durante as guerras modernas.

Durante a Revolução e no tempo do Imperio, os nossos exercitos ocuparam a Belgica, a Holanda, a Alemanha, a Prussia, a Austria, a Italia, a Espanha. Depois estivéram na Russia e voltaram para a Italia.

Os proprios exercitos alemães tivéram em 1870 uma grande parte do nosso territorio.

Certamente houve carnificinas, estragos, saques, combates ferozes, sinistros, mas a historia moderna não tinha visto o que se deu désta vez na passagem das hostes alemãs! Apenas as recordações dos tempos barbaros dão disso uma ideia! Incendios, destruição de cidades e aldeias, assassinios de mulheres e creanças indefesas; hedionda acumulação de horrores sem norte e sem exemplo:—eis o que márcam as conquistas passageiras do *kaiser*.

* * *

O seu fatal destino de destruição, cái até sobre o seu querido povo alemão.

Atraíu contra o seu pais o exercito dos quatro povos, tanto ao oéste como a éste!

Sempre em movimento, corre de uma para outra fronteira, atravé3 do seu vasto imperio.

Por toda a parte em que passa, acompanha-o a morte; faz parte do seu cortejo; provoca prodigiosas carnificinas; manda as suas tropas em massas compactas para debaixo do fogo da nossa artilharia.

Hediondos, espantosos amontoamentos de cadaveres alemães, como a historia das guerras jámais conheceu, indicam que o *kaiser* passou por ali.

O solo que ele honrou com o seu *olhar* transformou-se em ossoario enbranquecido por inumeros milhares de esqueletos!

Um dia está em Nancy onde vai fazer uma entrada triunfal!

Manda grandes massas de infantaria para lhe abrirem caminho; mas elas não lh'o abrem, fecham-o, enchem-o de montões de cadaveres!

Corre rapido á fronteira da Polonia, leva a derrota comsigo, são as balas russas que massacram os seus!

De um pulo, volta á Flandres para vêr os seus homens fazerem aos seus camaradas nas imediações do Yser — uma ponte de carne alemã!

E apenas está no começo!

Deixemos continual-o!

A imaginação terá grande dificuldade em conceber o horror sem limites dos desastres que prepara o *Homem da morte.*»

Barão de Tavares Leite

Acompanhado de sua esposa partiu no dia 8, no *Amazon*, da Mala Real Inglêsa, com destino ao Rio Grande do Sul, o sr. Barão de Tavares Leite, muito digno vice-consul de Portugal em Jaguarão e benemerito filho de S. João da Madeira, uma das principaes freguezias do concelho de Oliveira de Azemeis, distrito de Aveiro.

Os ilustres viajantes, que vão acompanhados dum distinto medico brazileiro e sua familia, estivéram a despedir-se antes da partida, em Lisboa, dos srs. Presidente da Republica e dr. Bernardino Machado depois do que seguiram para bordo do grande vapor, que os hade transportar ao seu destino, onde receberam os cumprimentos de vários amigos e pessoas das suas relações que tivéram conhecimento da sua retirada.

Sincéramente desejâmos a S. Ex.as uma feliz viagem.

PELA IMPRENSA

Recebemos a visita de *O Leverense*, quinzenario republicano que ha pouco começou a publicar-se em Lever, concelho da Vila da Feira, sob a direcção do sr. José de Freitas Sá e Melo.

Apresenta-se bem redigido pelo que lhe desejamos vida prospera e longa.

= Com o numero 345 começou o nosso presado coléga *A Patria*, de Ovar, a ser composto e impresso naquela vila, aspiração que de muito longe vinha animando os seus redactores á fundação duma nova emprêsa tipografica que tal permitisse. E' caso para lhe dar parabens, o que fazemos, congratulando-nos com os progressos alcançados pela bem redigida folha ovarense.

= Entrou no 10.º ano de existencia o *Leiria Ilustrada*, orgão do Partido Republicano Português na região onde se publíca.

E' seu director politico o sr. Gaudencio Pires de Campos, podendo-se dizer que o nosso confrade marca na imprensa provinciana um logar de destaque que muito o honra e aos seus colaboradores.

Saudamo-lo.

Espertêsas

—==*==—

Um jornal de Vagos que, embora o não indique claramente, navega em aguas evolucionistas, vinha no ultimo numero com grande escarceu porque, diz ele, o tesoureiro da Junta de Paroquia Civil da freguezia se pagou de dois covatos para o mesmo cadaver, o que é redondamente falso.

O caso explica-se bem: ao secretario da Junta, nosso amigo, sr. Artur da Graça Trindade, dirigiu-se um cavalheiro de nome Manuel de Jezus, residente em Santo André, que solicitou um recibo para pagamento do covato de sua irmã Maria de Jezus, recentemente falecida. Esse recibo foi-lhe passado com o numero 23 e o tal Manuel de Jezus pagou ao tesoureiro da mesma corporação administrativa, sr. Manuel Domingues, a quantia de um escudo.

Mais tarde, ou seja pouco tempo depois, do sr. Trindade acercou-se outro cavalheiro, Joaquim Pequeno, residente em Vergas, que lhe perguntou se já estaria pago o covato de sua irmã, Maria Pequena, ao que o secretario da Junta respondeu, após ter verificado os talões dos recibos, que não, visto em taes documentos não existir o nome indicado. Passou-lhe portanto, como pediu o Joaquim Pequeno, um recibo com o n.º 25 entregando este ao tesoureiro um escudo, importancia do covato.

Pergunta-se: onde está a burla que o *Correio de Vagos* pretende atribuir ao sr. Manuel Domingues, tesoureiro da Junta? Onde existe, sequer, a má fé desse honesto funcionario, recebendo pelos dois covatos pertencentes á mesma pessoa quando as personagens que figuram nos recibos são diferentes como até diferente é o logar de residencia? Em parte alguma. Mas o *Correio de Vagos* que se quer fazer passar por um jornal sério, escrito por gente séria, não o entende assim e de aí o grito que faz ecoar por montes e vales, por bêcos e ruas, por largos e praças: *olhae para isto, gentes!*

Sim, olhae para isto! Para a torpêsa do *Correio de Vagos*, para a fórma como esse jornal pretende ferir os adversarios, ele que bem sabe o motivo porque foram pagos dois covatos em vez dum, ele que bem sabe o *truć* de que se serviu para enxovalhar caracteres acima de toda a suspeita, homens dignos, pessoas honestas.

Olhae para isto, gentes! Para esta belêsa de jornalismo, para a espertêsa saloia do escriba vaguense. E depois dizei-nos quem é, afinal, o verdadeiro burlista...

LIVROS

Recebemos o 5.º tomo da **Historia da Guerra Europeia,** que, como temos dito, é editada pela *Tipografia Gonçalves*, com séde na Rua do Mundo, 15, Lisboa.

Digna de ser recomendada, não só por estar habilmente elaborada mas tambem pelo relativo luxo da edição, esta publicação é das mais baratas que teem aparecido no mercado pois custa apenas 5 centavos cada 32 paginas, não se podendo exigir mais da casa editora que assim põe ao alcance de todas as bolsas uma obra ilustrada, interessante, educativa e de flagrante atualidade.

O tomo que temos presente, além de uma linda capa a côres, de optimo efeito, insere o Mapa da fronteira alemã-austro-russa; retratos dos generaes: Pau, comandante do exercito do Éste da França; Joffre, generalissimo do exercito francês; Putnik, chefe do estado maior sérvio; Gallieni, governador militar de Paris; Stephanovitch, ministro da guerra da Sérvia; Krobatin, ministro da guerra da Austria; Arquiduque Frederico, generalissimo do exercito austriaco; von Hoetzendorf, chefe do estado maior austriaco; Sukhomlinoff, ministro da guerra russo; von Der Goltz, nomeado governador da Belgica; Marechal Roberts, generalissimo do exercito inglês, falecido em 15 de novembro de 1914 e Mr. Asquith, presidente do conselho de ministros inglês. Couraçados inglêses: superdreadnought de 26:400 toneladas, 29:000 cavalos, 26 canhões de 10 e 12 cent. e 5 tubos lança-torpedos; superdreadnought *Jorge V*, de 23:500 toneladas, 31:000 cavalos, 10 canhões de 34 e 3 tubos lança-torpedos; dreadnought *Colossus*, de 20:500 toneladas, 25:000 cavalos, 10 canhões de 35 cent. e 3 tubos lança-torpedos. Biplano alemão *A. E. G.*, motor de 100 cavalos, modelo de 1913; biplano alemão *Albatrós*, motor de 100 cavalos, modelo de 1913; monoplano francês *Blériot* motor de 80 cavalos, modelo de 1913, etc.

— Egualmente nos foi enviado um volume com o titulo *A Jurisdicção da Electricidade Medica*, pelo medico portuense sr. dr. Jaime de Almeida, que contém interessantes notas de electroclinica sobre algumas doenças nervosas e artriticas, o qual agradecemos.

Uma tragedia

Ainda sobre aquele acontecimento aqui referido, passado na Rua do Mundo, em Lisboa, e de que foi protagonista o infeliz Daniel de Melo, filho do sr. Francisco Correia de Sá e Melo, de Alquerubim, relatou-nos este cavalheiro, agora chegado da capital, quanto tem sofrido depois do sangrento drama desenrolado no dia 20 de novembro findo e a proposito mostra-nos uma carta que seu filho escreveu do Limoeiro á D. Zulmira, e por onde se vê ainda a impressão nele causada pela falsa nova em que havia acreditado—da desonra da irmã.

Está junta ao procésso e diz assim:

Minha bôa e saudosa Zulmira

Já devia, ontem, escrever, mas passei aquele dia o mais encomodado possivel, pois soube que tinha morto, inocentemente, uma Santa, uma tua amiga do coração, uma amiga de toda a nossa familia! Mas, Zulmira, minha rica irmã, não te preocupes com o meu acto. Foi pelo bandido ......, nome que a humanidade deve odeiar, porque tem nome de gente, esse bandido, esse monstro, que queria o aniquilamento e a desonra de dois lares, que eu, Zulmira, que eu me perdi. Espero o teu perdão e o da sr.ª D. Emilia.

Esse malandro que sei ainda não estar preso, ainda não me visitou desde aquele dia que ele me jurou que estavas desonrada!

Que malandro!... Que sentimentos!...

Só me acompanhou e embebedou naquele triste dia para eu cometer aquele acto!... Ele para me incutir coragem, fez mais ainda: disse que tinha uma irmã que tambem havia sido desonrada e que se não matou o traste que a desonrou, foi porque ele, a tempo, lhe fugiu. Disse que eu me devia desforrar de ambas as senhoras, e que se eu matasse o principal causador, a minha obra ficaría completa, e *a minha vida daría um bom romance*. Sabes quem era o causador? Dizia, ele, que o sr. Rodrigues, o homem da vitima, da Santa, que, inutilmente, matei. Do nosso santo Pae, disse o que de peior se póde dizer de um Pae: disse que ele não sabia onde metia os filhos, pois a minha colocação para nada prestava e eu devería ser preso no trajecto para a terra e a minha irmã estava na casa de duas mulheres que se vendiam: elas e tu, Zulmira!... Aqui é que eu fiquei medonho!... As lagrimas corriam-me a jorros. Ocultava-as, das pessoas que iam nos eletricos, virando-lhes as costas e enxugando-as com dois lenços! Dois lenços, Zulmira!... Elas deviam percebe-lo. Porque, Zulmira, esse bandido acompanhou-me para os sitios menos transitados, para o cimo da Avenida, onde entrámos numa loja ou venda frequentada por verdadeiros bandidos!... Antes de entrarmos vi que ele reparou para todos os lados mas não dei importancia a esse gesto.

Deixamos a Avenida; mas antes encontramos—foi logo que saímos da venda—um sugeito de mau aspecto, a quem eu não dei importancia. Dei alguns passós, até ocultando as lagrimas que me corriam. Ele disse-me se eu te queria visitar ainda naquele dia.

Respondi que sim. Que me iria desforrar. Que não deixaria passar nem mais um dia.

Ele disse que a mulher ás 10 horas te visitaria. Eu, porém, não acedi. Disse que iria defender a honra de minha irmã, a tua honra Zulmira—e tu, pura Zulmira, a minha honra e a de nossa familia! Ele respondeu que ainda era tempo, pois, se me recordo, ele deu-me 7 1[2 horas.

Dirigimo-nos vagarosamente, lentamente, pela calçada da Gloria, e sei que entrámos, seguidamente, numa tabacaria, dois abaixo, onde se deu tão enorme desgraça. Sei que á porta lhe disse: acho conveniente, o *meu bom amigo e sr. Batista*, ir até ás duas egrejas e esperar pelos acontecimentos. O que lhe peço é que retire imediatamente minha irmã daquéla casa, e a recolha na de sua esposa! Só isto, sr. *Batista!...* Depois, Zulmirinha, não sei o que se passou. Subi a escadaria precipitadamente, e depois de tocar á campainha, corri defender a tua honra, a honra, Zulmira, de nossa Santa Familia. Ele acompanhou-me como viste, pois ele não quiz ir para o largo das duas egrejas, dizendo ele que me acompanhava para te *levar para sua casa!...* Tu é provavel que saibas, melhor do que eu, deqois o que se passou.

Ele não me agarrou para me desarmar. Pelo contrario, incitou-me. De outra fórma não a matava. E' só dela, Zulmira, que tenho pena!...

. Quer dizer, Zulmirinha, eu tenho pena ainda desse bandido não estar a sofrer os horrores do seu preparado e monstruoso crime!... Disso é que eu tenho pena. Mas eu tenho fé nas autoridades! Elas hão-de descobri-lo! Oh! se hão-de! Depois sinto-me feliz, imensamente feliz. Zulmira: perdôa-me de te não escrever mais. Mas eu lembro-me que te incomodo e, por isso, perdôa-me. Perdôa-me tudo, Zulmira. O que eu fiz todo o irmão, que é irmão, deve faze-lo! Ele provou-me a tua desonra e eu, homem de bem e de caracter—sim Zulmira—eu tenho caracter e sou homem de bem—fui apagar a nodoa que ele dizia haver na nossa familia.

Só te peço que olhes pela sr.ª D. Emilia, essa Santa que eu tanto admiro, e vê se consegues que ela me perdôe.

Eu não sei se lhe escreverei hoje.

Estou bastante abatido. E se tu lhe dissésses para ela me visitar, Zulmira? Eu beijar-lhe-ia as suas mãos de santa, e depois de contar-lhe o que a ti hoje conto, tenho a certeza que ela me perdoaria!... Ela não ficará ao desamparo, não! Tu bem sabes quem é e quanto vale a nossa Sublime Familia. Fico com anciedade inquietante. Apresenta-lhe os meus sentidissimos pesames, e dize-lhe que já não visto aquele fato que tencionava levar, no ultimo domingo, para a nossa casa, mas sim um outro que sintetise o que a minha alma sente e chora.

E' um fato, veludiniamente preto, que mandei, ontem, e no mesmo alfaiate, á Rua S. Nicolau, fazer. Estou morto por vesti-lo! Oh, se estou! Oh! Zulmira, adeus! Faze o que o meu coração péde! Dá-me uma prova de que tambem és minha irmã.

Pede o meu perdão a essa Santa, sim?

Irmão que te abraça efusivamente e beija

(a) **Daniel**

Infeliz, desgraçado Daniel!

Notas mundanas

Fixou residencia em Lisboa, onde conta demorar-se alguns mezes, o sr. Antonio Rodrigues de Moura, recentemente chegado do Congo Francês.

=Faz hoje anos a sr.ª D. Maria Mendes Agra, dedicada esposa do estimado ilhavense, sr. Antonio Mendes Agra.

Os nossos parabens.

=Esteve nésta cidade e visitou-nos o sr. Marcelino Fernandes Branquinho, digno regedor de Eirol.

=Quasi restabelecida, já vimos na rua a sr.ª D. Rosalina Alves Fontes.

=Tambem vão muito melhores os srs. Manuel Augusto da Silva e Manuel Maria Moreira.

=Com curta demora embarcou um dia destes para o Pará o sr. Luiz Marques da Cunha, capitalista local.

=Acham-se em Lisboa a passar algum tempo o nosso amigo sr. José de Souza Lopes e sua irmã a sr.ª D. Maria da Natividade Martins da Mota.

=Daquéla cidade regressou á sua magnifica vivenda do Castélo da Boa Vista, em Albergaria-a-Velha, o sr. João Patricio Alvares Ferreira.

=Esteve ontem em Aveiro o sr. Antonio Eduardo de Souza, digno secretario de Finanças em Ovar.

Reforma da policia

Já veio publicada no *Diario do Govêrno* a reforma do corpo de policia civica de Aveiro e que foi elaborada pelo nosso amigo e atual comissario, sr. Filinto Feio.

Além de ter sido aumentado com maior numero de guardas, os serviços de policia deste distrito compreenderão: os de policia de segurança, administrativa e judiciária, dividindo-se em duas secções: a primeira composta de 1 chefe, 4 cabos, 13 guardas de 1.ª classe e 42 de 2.ª; a segunda, de policia administrativa e judiciária, composta de 1 cabo e 5 guardas.

Os vencimentos são tambem aumentados em harmonia com a remodelação dos serviços o que permitirá exigir-se depois o cumprimento restrito dos seus deveres aos guardas a quem cumprir desempenha-los.

ZÉ PARDAL

Quem ha aí que não conheça o velho porteiro do liceu désta cidade? Qual será a geração que ha uns bons quarenta anos a esta parte não tenha dele saudades e não recorde os tempos passados, em que o *Zé Pardal*, cheio de razão, clamava silencio aos que berravam, impunha respeito aos insubmissos, repreendia os mais turbulentos? Ninguem, decérto. Pois o *Zé Pardal*—ou seja o sr. José do Nascimento Corrêa—faz anos na proxima segunda-feira. 80 anos que lhe pesam demasiadamente, mas que ele vai arrastando para não perder o misero ordenado visto não possuir recursos nem o govêrno lhe dar a reforma de que tanto carece no ultimo quartel da vida.

Aceite o bom velhote os nossos antecipados parabens. E á academia de hoje lembrâmos a ocasião, que não póde ser mais propicia, de manifestar a esse trabalhador de tantos anos a consideração em que é tido, oferecendo-lhe nesse dia uma lembrança como homenagem ao seu honestissimo caracter.

ANGOLA

Por especial deferencia para com este jornal, o nosso querido amigo sr. Francisco Vieira da Costa, residente em Loanda, encarrega-se de receber, néssa cidade, todas as assinaturas do DEMOCRATA respeitantes á provincia.

Rogâmos, pois, aos nossos presados subscritores a finêsa de a êle se dirigirem visto como já se acha de posse dos recibos mediante os quaes deve ser efectuado o pagamento.

LINHA DUPLA

Activam-se os trabalhos de construção da segunda via ferrea entre Coimbra-B e Aveiro, na extenção de 54 kilometros, trabalhos que dentro em pouco devem ficar concluidos, podendo então a marcha dos comboios entre Lisboa e Porto ser feita com maior celeridade.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

DEZEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
13	REIS
20	MOURA
25	LUZ
27	RIBEIRO

CORRESPONDENCIAS

Pará, 21 de Novembro

A nefasta guerra que a Alemanha provocou sem motivos justificados, está causando aqui gràves prejuizos, pois veio agravar mais a situação já de si penosa com que está lutando não só o Pará como todo o Brazil devido á escassez de generos alimenticios e outros de que a população tanto carece.

A falta de vapores da Europa está-se fazendo sentír sensivelmente, o que faz com que tudo tenha subido de preço e até as proprias passagens de 3.ª classe para Lisboa estão sendo pagas entre 200 e 250 mil reis cada uma, deficultando désta fórma o embarque de muitos portuguêses para as suas terras.

A Companhia inglêsa *Booth Line* está abusando de mais, visto agora não ter competidores, pois o ultimo vapor alemão que aqui chegou com carga e passageiros, no dia 7 de Agosto ultimo, foi o *Rio Grande*, que ainda aqui se encontra fundeado, por causa da guerra.

Em 27 de Setembro chegou aqui o vapor inglês *Manes*, que tinha partido em 8 de Agosto.

O vapor *Amselm* chegou no dia 16 de Outubro com 294 passageiros e o vapor *Antoni* chegou no dia 7 do corrente, sendo por tanto só estes vapores que nos tem mimoseado com as suas vesitas depois da guerra ter principiado.

=Tem sido grande o numero de pessoas doentes e sem recursos que tem solicitado repatriação á *Liga Portuguêsa*, mas esta como não tenha receita suficiente, vae mandando para Portugal os mais necessitados, tendo ido em cada vapor 3 e 4 passageiros, apenas.

=Consta que no proximo vapor a chegar de Lisboa em 28 do corrente, vem o sr. Inacio Marques da Cunha, de Aveiro, um dos fundadores da grande fabrica *Palmeira*, uma das mais importantes do Pará onde trabalham avultado numero de pessoas, fazendo parte da sociedade os seus dilétos filhos João Marques da Cunha e Raul Marques da Cunha.

=Na *Beneficente Portuguêsa* realizou-se no dia 1 do corrente a eleição dos corpos gerentes, tendo sido eleitos para a Directoría, os cidadãos seguintes:

Presidente, dr. Emilio Corrêa do Amaral; *vice-presidente*, Antonio de Freitas Pinto e Souza; *1.º secretário*, Adelino da Silva Gil; *2.º secretário*, João Gil Junior.

Vogaes, Casimiro de Almeida Dias, Domingos Rufino, João Pedro Gomes Amador, Manuel dos Santos Pereira, Manuel Valente Portovedro Junior, Norberto de Matos Almeida e Rafáel Ferreira Gomes.

Assemblêa geral

Presidente, visconde de Monte Redondo; *1.º secretário*, Alberto Garcia; *2.º secretário*, Anibal Barros.

Os monarquistas portuguezes ainda tentaram organisar lista sua, mas como vissem que o fiasco era inevitavel, desistiram do seu intento, no que fizéram muito bem.

Ainda assim, foi eleito um *talassa* que faz parte da assemblêa geral, mas isso pouca importancia tem.

Segundo ouvimos, parece que a actual Directoría pensa em substituir as irmãs da Caridade, que ali se acham para tratamento dos doentes, visto a imposição que élas fazem aos mesmos para que estes se confessem e digam orações, etc.

Sabemos que o sr. provedor tem dado algumas providencias nêsse sentido, pelo que o felicitâmos, lamentando, porém, que se não tomem medidas energicas, radicaes.

=Partiu no dia 14 de Outubro ultimo com destino a Pernambuco e dali á sua terra, Veiros, Estarreja, o nosso amigo e correligionario, sr. Joaquim Maria Alves.

Que tenha sido feliz na sua viagem é o que lhe desejâmos.

=Chegou aqui no dia 2 do corrente o vapor alemão *Assuncion* conduzindo passageiros e tripulantes do vapor *Vandyet* aprezado pelo cruzador alemão *Karlsruhe* nas costas do Brazil, o que causou grande sensação.

Esses passageiros eram brazileiros, inglezes, francezes, americanos, hespanhoes, russos, belgas, peruanos, turcos, etc., os quaes foram distribuidos por diversos hoteis, por ordem da autoridade superior.

As privações que estes passageiros sofreram a bordo, causam horror contadas. Dizem eles que o *Karlsruhe* conseguira fugir ha cêrca de trez mezes de Porto Rico aonde estava arribado e que metera no fundo nada menos de 13 navios inglezes, a saber:

Bowes Castle, Maple Braneh, Condor, Pruth, Cervantes, Lynrowan, Nigeto de Larrinaga, Strathroy, Indrani, Cornish City, Rio Ignassú, Farn e *Highland Hope*, e o navio holandez *Maria* que conduzia trigo para a Inglaterra.

Esses passageiros foram conduzidos para a America do Norte pelo vapor brazileiro *S. Paulo*, no dia 9, achando-se ainda aqui fundeado por ordem superior, o *Assuncion* juntamente com o *Rio Grande*.

C.

Ois da Ribeira, Agueda, 7

A Junta de Paroquia désta freguezia foi ha dias intimada pela autoridade administrativa para, em face do artigo 108 da lei da Separação, fazer uns reparos nos telhados da egreja, resolvendo a mesma Junta ontem, em sessão, levar recurso contra a intimação não sabemos com que fundamento. E' que a rabogenta e monarquica corporação entende que não deve proceder aos reparos precisos num edificio do Estado, só por aqui haver constituida uma associação cultual, contra vontade déla. Mas não se aflijam os troncos carcomidos da monarquia, porque se o tribunal decidir a seu favor, em Ois ainda ha patriotas que á sua custa façam as reparações de que carece o edificio da egreja. A Junta, por odio á Republica, não acata as ordens da autoridade, preferindo gastar dinheiro do povo numa questão a gasta-lo numa obra do Estado localisada na nossa terra.

Quer-nos parecer que a Junta na sua cegueira de ir para o tribunal vae criar um conflito de que forçosamente se hade arrepender. Ela sabe muito bem, ou pelo menos deve saber, que está recebendo ilegalmente o rendimento de umas inscrições de que não é proprietaria. Mas como quer entrar na dança a troco duns escudos gastos nos telhados da egreja, a vêr vâmos o que daqui sae. E sobre o assunto nem mais palavra.

=Pedimos providencias ao sr. presidente da comissão executiva do municipio, quanto á fonte désta freguezia, que até esta data não tem abastecido de agua potavel o povo, parece que devido ao desvio que tem por duas manilhas de gréz que estão instaladas dentro da mina, e que agora, depois que choveu, ainda mais se tornam prejudiciaes porque sujam a agua com as escorrencias que délas dimanam. Além disso tanto a mina como a caixa da agua estão lançadas ao maior desmazelo pela Junta de Paroquia que, com a sua tendencia monarquica, não quer saber do bem estar do povo, só cuidando da politiquice. Estamos cértos que sua ex.ª providenciará, como fôr de justiça, tanto mais que é do seu temperamento acudir sempre ás maiores necessidades dos seus municipes.

=O amigo Anacleto Pires, lá deitou escrito dando esclarecimentos sobre alguns pontos das nossas correspondencias no *Democrata* relativamente á irmandade das almas. E' de justiça dizer-se que o bom do Anacleto usou de toda a delicadeza no que escreveu, mas, tambem é de justiça que se lhe faça um retoquesinho em dois pontos.

Sobre o sr. regedor, se não estava em casa quando o mandou chamar, encontrava-se, o maximo, á distancia de uns 150 metros e se houvesse grande interesse que êle assistisse á distribuição das esmolas não era dificil encontra-lo. Sobre dizer que é correligionario dedicado, isso não nos parece. Já o foi. E ainda um dia o póde ser outra vez, mas quando deixar de ter aproximações com monarquistas e entendimentos que não honram nenhum republicano.

=Continua a paroquiar a nossa egreja o reverendo Adelino Roque. Os *talassas* fazem contra este padre a maior campanha de descredito faltando apenas dizer que êle tentou contra milhares de vidas na Ponte do Pano, como fizéram vários rapazotes a quem os ignorantes hoje lambem as botas.

Pois a despeito de tal campanha está organisada, em Barrô, uma comissão, a pedido do arcipreste, para solicitar do padre Roque que abandone as egrejas de Ois, pois tem uma egreja dada pelo bispo aonde quizér escolher no proximo concelho de Oliveira do Bairro.

Estamos outra vez como quando foi do padre João Estima, de Espinhel: todo cheio de defeitos, e afinal em vez de uma egreja, o bispo deu-lhe duas.

Pobres *talassas*!

C.

S. João da Madeira, 9

O assunto aqui de todas as conversas é a questão do regedor désta freguezia.

Não ha maneira de passar da mente deste povo tão odiosa traição, como aquela que praticaram contra o respeitavel cidadão Antonio Soares Patricio.

Não ha quem venha dar ao publico a mais pequena luz das suas faltas cometidas durante o seu consulado; até os seus proprios inimigos, que contribuiram para a sua demissão, não teem a coragem de nos dizer os motivos porque foi praticado tão injusto acto; pelo contrario: embora ipocritamente, rasgam o seu elogio á ex-autoridade, cobrindo com esta manta as suas culpas.

Como se deverá compreender a consciencia duns magicos que em qualquer coisa empregam a sua palavra de honra e em seguida a negam?

Se é por estes que o senhor Governador Civil está informado, não está bem; estamos convictos de que se sua Ex.ª conhecesse as qualidades do sr. Soares Patricio e dado o valor pelas do que o substituiu, reintegrava-o já no cargo que tão dignamente ocupou e assim praticava um acto tão justo como digno, acabando com a exaltação que ainda lavra no povo pacato de S. João da Madeira, que projecta um comicio para renovar os seus protéstos perante o sr. dr. João Salêma, contra tão injusta demissão.

Talvez que o empenho para esta odiosa traição fosse feito ao ex-Governador Civil, sr. dr. Gil, nos seus ultimos dias de govêrno; mas S. Ex.ª naturalmente satisfeito de questões de regedoria, quiz deixar uma lembrança ao seu sucessor que injustamente satisfez o gaudio de cinco ou seis invejosos que, com o auxilio da autoridade superior do distrito, se querem arvorar soberanos désta tão importante população. Não o serão, fiquem cértos.

Desejavamos tambem saber o motivo porque se encontra ainda aqui uma força de 30 praças de infanteria 24 a guardar uma casa particular. Não sabemos se será para dotar esta terra com uma unidade militar para sempre! Achamos honra demasiada, ou então mais alguma infamia se prepara contra o povo sanjoanense, o que ignoramos. Não haverá quem nos diga a verdade?—Perguntamos constantemente, e ninguem nos responde.

Vamos então gritar alto a vêr se nos ouvem.

C.

Alquerubim, 9

Tem chovido torrencialmente. Estão alagados os campos das margens do Vouga.

=E' esperada com grande anciedade a nomeação do novo ministério. Se fosse encarregado déssa missão o sr. dr. Bernardino Machado, teriamos, com certeza, um govêrno todo *azul e branco*. E, pelo que se vê, sua ex.ª, mesmo depois do govêrno formado, continuará a fazer despachos... de monarquicos, já se vê. Ainda ficaria algum por anichar? E dizem que estamos sob um regimen republicano! Os castigos dos conspiradores, não são castigos, são recompensas! E tudo assim vae...

=O Delegado do Procurador da Republica désta comarca mandou proceder a exame directo ás 7 arvores que foram destruidas na noite de 21 para 22 de novembro ultimo, proximo á casa de escola.

C.

Palhaça, 8

Ainda não foi descoberto o assassino de José da Silva do Poço. Os dois rapazes que o acompanharam na noite da sua morte e em quem á primeira vista recaíam algumas suspeitas, estão, pelos depoimentos feitos, salvos, desviando-se já destes as vistas da policia e da justiça. Estes rapazes, incapazes de praticarem um crime de morte, ainda mesmo em sua legitima defêsa, ao regressarem a casa, foram chamados por uma irmã do morto a prestarem socorro ao pae que néssa ocasião era ameaçado pelo filho, no que este era uzeiro e vezeiro, socorro que imediatamente lhe prestaram, conseguindo retirar a féra da presença do pae. E com taes bons modos que conseguiram leval-o para casa da amante, onde lhes foi oferecida uma pinga de aguardente, que aceitaram, para o não contrariarem.

Feita a vontade a esse infeliz, retiraram para suas casas não mais o vendo nem querendo dele saber, pois o julgaram em sitio seguro...

Isto confirma-se por outros depoimentos que dizem ter visto o morto voltar para o lado da casa do pae a horas já adeantadas da noite, não se sabendo o rumo que ele tomaria. E' tambem cérto, segundo corre, que ás 3 horas da

campanha de leviandades e de paixões. Desta vez não mais ficará nas arcas encoiradas, tudo quanto os nossos dedicados correligionarios pudéram apurar e tudo de quanto, felizmente, pudémos reservar provas.

O documento que vamos publicar, trocado entre duas criaturas que aparecem em 1914, uma conferenciando na Granja, no Bussaco e em Vila Real, outra no Porto e Aveiro, é verdadeiramente sensacional.

Nele se mostra, especialmente, o desacôrdo que reinava na conspirata, a burla que os monarquicos preparavam aos padres, a torpeza que entre si jogavam manuelistas e miguelistas!

Mas, vamos á historia. Em principios de maio de 1914 o Jaime Silva, chefe civil da conspiração, tinha as coisas dispostas e organisadas em conformidade com o plano preconcebido.

Assim nós—quando dizemos nós referimo-nos aos elementos civis—encontramos nesta data dois *comités* em Lisboa, um civil, outro militar, agindo dentro da mais perfeita autonomia, mas entendendo-se. O *comité* militar ligava-se directamente com os elementos militares de Lisboa, Porto e do resto do país. O *comité* civil dominava os elementos civis de Lisboa, ramificados com todo o Sul, entendia-se com o *comité* civil do Porto, que por sua vez dirigia os elementos civis ao norte do Mondego.

Os senhores lembram-se cértamente de que Paiva Couceiro havia feito distribuir pelo país o seu conhecido manifesto no qual prometia que após as vitórias da sua espada, submeteria á escolha do país, por meio dum plebiscito, os dois pretendentes ao trôno que estava em terra: D. Manuel e D. Miguel.

Frizado este pormenor, que os nossos leitores não devem esquecer, digâmos agora que entre os conjurados não existia aquela unidade e harmonia que sería para desejar e que as dissidencias entre manuelistas e miguelistas se acentuam cada vez mais.

Paiva Couceiro, que todos sabem perdido em Fonte de Onoro, viría comandar as forças de Vizeu. O coronel Beça viría de Orense para tomar o comando das forças de Bragança. Aqui devia reunir-se-lhe aquele ridiculo alferes couceirista Fiel Barbosa, depois de ter dado uma demão nos negocios de Tuy.

A brunir todas válvulas por onde devia irromper o movimento estivéram em Vila Real o Fernando de Albuquerque, mais conhecido por Conde de Magualde, o Zé de Azevedo e vários sucias. Tratou-se ali das ordens dimanadas da Granja, do Bussaco e... da quinta de Sacais, residencia do ex-bispo do Porto e prelado de remeilhe!

Por seu turno, o conde de Paraty, sogro do cabecilha Paiva Couceiro, com um desplante notavel, vem a esta cidade, passeia livremente pelas suas ruas e praças, efectua conferencias constantes com toda a frandulagem conspiratoria, e, com a mesma liberdade e desplante, regressa a terras de Espanha a levar a *boa nova*.

Coincide esta fervura monarquica com a visita do coronel Horta e Costa á Invicta, onde por entre amplexos fraternes e palmadinhas convincentes, conferencia em pleno Tribunal da Relação com Cecioso de Melo, o famoso *Mélinho* da Maia, marca destacante no movimento de 1913, como exuberantemente se provará.

Por Espanha o monarquismo rodava certinho com todas as engrenagens aqui armadas. Caetano Ferreira, celebre pae daquele *snob* azul e branco que se vende a 1 centavo por todos os kiosques, o José de Arruela, anda numa roda viva entre Valencia de Alcantara e Badajoz. Um outro figurão de *boa marca*, que dá pelo chamadoiro de Luiz Teles de Vasconcélos, é o correio que levou a Ciudad Rodrigo as ordens da Granja.

E' claro que isto tudo tem o seu lado scientifico, militar. Todos nós reconhecemos que nesta altura devia estar a matar um conselho estratégico para proclamar a restauração relampago com *canastras* de 42.

manhã não estava o morto no local onde foi encontrado. Presume-se, por isso, que o infeliz tivésse algum máu encontro em qualquer parte da freguezia, ou fóra déla, ocasionado ou não por ele, de que lhe resultou a morte, sendo depois levado á carga para o local onde foi encontrado. Parece que ainda têm de ser ouvidas as testemunhas que já depozeram por a irmã do assassinado negar a agressão ao pae, na ocasião em que os dois rapazes foram chamados a intervir. O assassinado tinha nos bolsos mais de 7 escudos, um livro de papel e a chave da casa da amante, não sendo encontrada a faca com que ele sempre andava munido e fazia uzo.

C.

Ultima hora

—(*)—

TEMPORAL

Esta madrugada desencadeou-se sobre a cidade e a costa um grande temporal, que dura ainda á hora do nosso jornal entrar na maquina. Consta, mas não pudemos obter a certêsa, que ha bastantes prejuizos, principalmente na ria onde vários pescadores foram colhidos de surprêsa tendo sofrido grave risco.

O vento, pela madrugada, era violentissimo.

Nomeação mantida

O sr. ministro do Interior manteve a nomeação do sr. Francisco Ferreira da Encarnsção para amanuense do govêrno civil de Aveiro, que o conselho superior de administração financeira do Estado recusou visar.

E' esta uma nomeação justa, que recaíu num patrioio que a merece e a quem por tal motivo felicitâmos efusivamente.

Situação politica

Lisboa, 10

Os chefes politicos estivéram hoje novamente no Paço de Belem em conferencia com o sr. Presidente da Republica, tendo ali comparecido tambem o sr. dr. Bernardino Machado.

Apesar do sr. dr. Manuel de Arriaga se empenhar quanto poude porque um ministério de concentração fosse formado, esse intento parece estar malogrado pela obstinada recusa dos homens de preponderancia nos partidos em modificarem a sua atitude.

Os boatos que correm são enumeros havendo muito quem lamente a luta dos partidos no atual momento por se reputar perigosissima para a Republica e para a nação.

Agora á noite corre a versão de que vai ser formado um ministério puramente democratico, o que não é muito crivel.

Emfim, vêr-se-á o que de toda esta trapalhada sáe se é que alguma coisa tem de saír.

C.

N. da R. — O Primeiro de Janeiro traz já os nomes que teem probabilidades de entrar no tal ministério democratico onde figuram dois que muito nos fariam rir se tal acontecesse.

Era caso para gritar: Viva a rapaziada!

14

Efectivamente esse conselho, dias antes de 20 de outubro de 1914, reunia no Hotel Comercio, de Salamanca, sob a presidencia do major Montez, do *complot* de Evora de 1913, sempre 1913 ou só 1914, como queiram, e durante largo tempo esteve catando nos mapas as encruzilhadas de Trazos-Montes, das Beiras e do Alemtejo!

Por isso, e por exemplo, os conspiradores andavam contentes!

De cérto os nossos leitores estão impacientes porque lhe falemos do Porto. E' a ocasião de o fazermos agora, mesmo porque as tais reservas contra as quaes os prevenimos, nos obrigam a abandonar aqui a historia dos acontecimentos para tomarmos por conveniencia propria a espectativa dos nossos impacientes amigos e leitores.

Ora, pois, e com as tais reservas, somos a dizer-lhes que na primeira quinzena de setembro, após as tais ordens, apareceu no Porto o Jaime Silva que, pouco depois da sua chegada, entrava numa casa da rua da Liberdade n.° 6, residencia do Abel Martins Pinto, onde se encontrou com o Luiz de Magalhães e o irmão do negociante de coiros Bernardo Tavares Coelho, que nos dizem ser oficial da administração militar. Pelo menos os conspiradores gabam-se dessa. Simultaneamente aparece aqui o conde de Azevedo, que se avista com o mesmo Luiz de Magalhães e outros conspiradores de tomo, e lá dentro dia vimos o Abel Martins Pinto todo *cochicho* com o ex-alferes Mario Gonçalves, do *complot* da Galiza.

Parece tudo 1913. Não é. E' 1914. Setembro deste ano. 1913 adiou-se para 1914. E' o mesmo. Questão de um ano e de uma amnistia!

Lá o que todos conversaram, não o sabemos. O cérto é que o Porto aguardaría os acontecimentos, pronto a secundar o movimento logo que surgissem probabilidades de exito. E para que os que nos lêem tenham uma ideia de como aqui se tramava a conspiração, vamos dar-lhes um pormenor inédito e sensacional que nos foi revelado com aquela prosápia que os conspiradores põem em todos os seus planos. Na casa de Bernardo Tavares Coelho, o homem que no Carmo vende coiros, deviam alojar-se os oficiaes conspiradores que tinham a especial missão de dirigir os elementos com que diziam contar nos outros regimentos, especialmente daquela ária.

15

Quem seriam esses oficiaes e esses elementos não o pudéram saber os nossos correligionários, que se inclinaram em crêr que tudo era uma *chantage*, posta em prática para animar os grupos e fazer crêr que efectivamente tinham gente a seu lado!

Podia lá ser isso...

Mais uma curiosidade: cêrca do fim do mez, a Clotilde, que até aqui animava e incitava a conspiração, começa de ter medo. Pensa que os *carbonarios* exercerão represálias contra a sua casa da Senhora da Hora, recomenda precauções, receia duns olhos muito firmes que a fitam com um olhar de gêlo e... desaparece!...

Encontrá-la-hemos de novo, retemperada, audaciosa, notivaga e mexediça, mais tarde.

Como em maio estavam as coisas—Declaração necessária -Um documento sensacional—Monarquicos contra padres!—Manuelistas contra miguelistas!—Dinheiro, dinheiro, mande dinheiro...—E depois... Defendem a causa do rei—Conselhos preciosos!

Entendemos haver necessidade dos nossos leitores conhecerem todo o organismo da conjura de 1913 para avaliarem da intentona de 20 de outubro de 1914.

A verdade limpa, que ilumina essa tentativa, já de si célebre, e que o governo preferiu guardar no mistério dum cordeal esquecimento, vai irromper, luminosa e deslumbrante, batendo a jorros de luz potente todos os abrigos dos miseraveis, todas as cavernas da conjura e toda a iniquidade duma

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano,* Praça Luís Cipriano.